

Vidas Secas

Roteiro de Leitura
Sílvia M. Ruggiero

Graciliano Ramos

INTRODUÇÃO

Vidas Secas é o último romance de Graciliano Ramos e a única experiência do autor com foco narrativo na terceira pessoa. Um tênue fio narrativo faz o leitor conhecer a história de uma família de retirantes nordestinos que foge da seca, encontra período de passageira estabilidade e parte novamente em retirada quando as chuvas deixam de cair, prenunciando um novo período de seca. A economia (de estilo, de linguagem, de vida e de cenário) pode ser destacada como a característica básica da narrativa.

A arquitetura “fragmentária” de *Vidas Secas* obedece a uma exigência interna de seu criador. Através de episódios justapostos, o leitor tem uma visão desconexa da realidade apresentada pelo romancista, idêntica à percepção que as personagens têm do mundo que as cerca.

Vidas Secas é um romance cíclico: inicia-se com a seca — cap. 1 “**Mudança**” — e encerra-se com os prenúncios da nova seca que se aproxima — cap. 13 “**Fuga**”. Cada capítulo concentra-se mais particularmente numa das personagens: Fabiano, Sinha Vitória, os dois meninos e Baleia. O foco narrativo, em cada capítulo, parte de Fabiano, passa por Sinha Vitória, detém-se nos dois meninos, para terminar em Baleia.

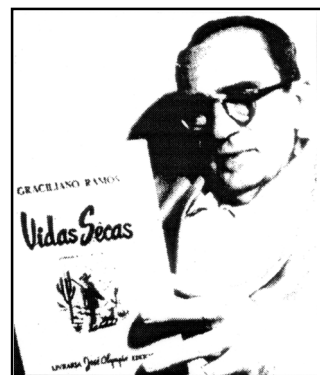
Esses círculos têm como centro as personagens, pois o autor apresenta-nos o mundo através de uma realidade interior e não do decurso de ações ou acontecimentos. É possível afirmar que a obra é constituída quase toda sob a forma de “diálogo indireto” (discurso indireto livre). Em todos os capítulos — e em cada um deles — o ângulo de visão é o da personagem em foco. Na verdade, o romance é um contínuo deslocar do eixo narrativo, segundo a perspectiva de cada membro da família.

Nivelados pela condição subumana de existência e pelo primarismo de sentimentos, ações e pensamentos, homens, mulheres, crianças e animal são colocados no mesmo plano e tratados em igualdade de condições pelo romancista.

Em *Vidas Secas*, apesar de quase não haver descrição de paisagem ela é fundamental, pois a obra exprime a luta do homem contra o meio adverso. Assim sendo, uma atmosfera densa, carregada, envolve os protagonistas.

VIDA E OBRA DE GRACILIANO RAMOS

Graciliano Ramos nasceu em Quebrângulo, nas Alagoas, em fins de outubro de 1892. Lá passou a infância e parte da adolescência, repartindo-se com a família, entre as cidades de Buíque, Viçosa e Palmeira dos Índios. Primeiro dos quinze filhos, Graciliano Ramos foi sempre visto pela família como um sujeito difícil, taciturno e introspectivo.



Fez os estudos secundários em Maceió, sem, no entanto, cursar nenhuma faculdade. O pai vivia do comércio e o filho mais velho foi aventurar-se: esteve, por breve período, no Rio de Janeiro, onde, por volta de 1914, trabalhou como revisor e redator nos jornais *Correio da Manhã* e *A Tarde*. Torna ao Nordeste e passa a ser jornalista, fazendo política também. Foi prefeito de Palmeira dos Índios entre os anos de 1928 e 1930. É dessa época o seu primeiro romance (*Caetés*, 1933).

De 1930 a 1936 vive em Maceió, dirigindo a Imprensa e a Instrução do Estado de Alagoas. De março de 1936 a janeiro de 1937, vive a época mais difícil de sua vida. Acusado de subversivo e comunista, passa dez meses de prisão em prisão sem saber do que o acusam, sem sequer ser ouvido em depoimentos ou processos.

Desse tempo terrível, nascerá mais tarde *Memórias do Cárcere*, um relato que soma a angústia de existir, o medo e a inquietação. Muda-se para o Rio de Janeiro. Seus romances, histórias para crianças e artigos passam a ser reconhecidos como o maior legado literário desde Machado de Assis.

Em 1945, filia-se ao Partido Comunista Brasileiro e, em 1952, viaja para a Rússia e países comunistas; o que presenciou nessa peregrinação está contido num outro livro: *Viagem* (1954). Em 1953, morre no Rio, vítima de câncer. Suas obras já foram traduzidas para o russo, francês, inglês, alemão. E, em 1964, o romance *Vidas Secas* ganhou versão cinematográfica pelas mãos de Nelson Pereira dos Santos.

OBRAS

Memórias:

Infância (1945)
Memórias do Cárcere (1953)
Viagem (1954)
Linhas Tortas (crônicas, 1962)
Videntes das Alagoas (1962)

Romances:

Caetés (1933)
Angústia (1936)
São Bernardo (1938)
Vidas Secas (1938)

Literatura Infantil:

Histórias de Alexandre (1944)
Dois Dedos (1945)
Histórias Incompletas (1946)

Conto:

Insônia (1947)

CONSTRUÇÃO DO LIVRO VIDAS SECAS

A narrativa foi composta sem ordem. Graciliano Ramos escreveu em primeiro lugar o capítulo “**Baleia**”, o nono, imaginando apenas reduzir seu trabalho àquele pequeno conto, a morte do animal. Depois, pôs-se a narrar “**Sinha Vitória**” — o quarto capítulo —, após o que veio “**Cadeia**”, o terceiro. Aos poucos, lembranças que vinham da vida, de sua própria, escreveu o restante dos treze capítulos que tomaram a forma de seu único livro cujo tema é o Nordeste e seus problemas, a seca que tange as pessoas para longe, que as transforma em bichos esfomeados e sedentos. Eis as datas e a ordem em que foram arrumadas:

- “**Mudança**”, 16 de julho de 1937
- “**Fabiano**”, 22 de agosto
- “**Cadeia**”, 2 de junho
- “**Sinha Vitória**”, 18 de junho
- “**O Menino mais Novo**”, 26 de junho
- “**O Menino mais Velho**”, 8 de julho
- “**Inverno**”, 14 de julho
- “**Festa**”, 22 de julho
- “**Baleia**”, 4 de maio
- “**Contas**”, 29 de julho
- “**O Soldado Amarelo**”, 6 de setembro
- “**O Mundo coberto de Penas**”, 27 de agosto
- “**Fuga**”, 6 de outubro

RESUMO DO TEXTO

A narrativa inicia-se pelo capítulo “**Mudança**”: uma família de nordestinos, Fabiano, Sinha Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo e a cachorra Baleia, migra à procura de um lugar para ficar, em plena seca:

“Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. Arrastaram-se para lá, devagar, Sinha Vitória com o filho mais novo

escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça; Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra baleia iam atrás.”

De repente, aparecem juazeiros e uma fazenda abandonada. E assim que lá chegam, começa a chover. Fabiano instala-se com a família na casa, mas aparece o patrão, que quer expulsá-lo. Fabiano apresenta-se como vaqueiro, o fazendeiro, então, entrega-lhe os ferros de marcar gado.

Toda a história desenrola-se entre duas secas, a que os tange até ali e a que os levará em direção ao Sul.

Seres animalizados, perdidos dentro de si mesmos, arrancham-se na fazenda. Enquanto Sinha Vitória faz contas, Fabiano aceita as do patrão e é sempre furtado por ele. Fala pouco, quase nem fala, mais murmura e gestua do que fala. Na cidade, um dia, quando vai à feira, Fabiano é preso pelo soldado amarelo que, a fim de furtá-lo, joga com Fabiano o trinta-e-um. Sinha Vitória e Fabiano criam os meninos e neles já desponta a vontade de ser como o pai: vaqueiro.

Há no romance um personagem não-acional: Seu Tomás da bolandeira, ex-patrão de Fabiano, homem bom e educado que pedia “por favor” e agradecia. Sinha Vitória sonha com uma cama como a de seu Tomás; tal cama, na verdade, era muito diferente da cama de vara onde dormiam. A cama é o símbolo do homem não-nômade, o símbolo do que os brancos, com dinheiro, podiam comprar. Todo romance tem como objetivo mostrar o interior de Fabiano: seus pensamentos, suas frustrações e seus medos. Para tanto, o narrador também se vale das descrições:

“Vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais. Os pés duros quebravam espinhos e não sentiam a queimadura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se agüentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio.”

“Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas acesas, constrangido na roupa nova, o pescoço esticado, pisando em brasas. A multidão apertava-o mais que a roupa, embaraçava-o.”

Pequenas alegrias cercam a família, até que sobrevém nova seca. Esta os alcança aos poucos, até que, rendidos, voltam a pensar em ir embora. Fabiano sabe que Sinha Vitória tem razão: os meninos precisam aprender a ler, a família deve ir para o Sul, em busca de novas possibilidades. O capítulo “**Fuga**” fecha a narrativa — não se sabe para onde vão, sabe-se que irão embora, buscar um lugar no mundo árido como a paisagem sem chuva.

A OBRA: CAPÍTULO POR CAPÍTULO

CAPÍTULO I — MUDANÇA

Fabiano e sua família fogem da seca. Sinha Vitória carrega o menino mais novo, na cabeça leva o baú de folha de zinco, e em cima dele, o papagaio. O menino mais velho caminha cansado, e a cachorra Baleia vai à frente, desvendando caminhos.

O menino mais velho sucumbe de cansaço, o pai pensa em abandoná-lo, mas apieda-se dele, coloca-o nas costas e prosseguem. Não sabem para onde ir. Angustiadíssimos, atenuam a fome com o sacrifício do papagaio (símbolo da fala e da comunicação).

“Ausente do companheiro, a cachorra Baleia tomou a frente do grupo. Arqueada, as costelas à mostra, corria ofegando, a língua fora da boca. E de quando em quando se detinha, esperando as pessoas, que se retardavam.

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça e os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. Agora, enquanto parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver sobre o baú de folha a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal.”

Errando por caminhos incertos, Fabiano e família encontram uma fazenda abandonada. Surge a intenção de se fixar ali. Baleia aparece com um preá entre os dentes, causando alegria aos seus donos. Haveria comida.

A inesperada caça é preparada, o que garante um rápido momento de felicidade ao grupo.

“Aquilo era caça mesquinha, mas adiar a morte do grupo. E Fabiano queria viver. Olhou o céu com resolução. A nuvem tinha crescido, agora cobria o morro inteiro. Fabiano pisou com segurança, esquecendo as rachaduras que lhe estragavam os dedos e os calcanhares.”

Finalmente, choveu. Fabiano pensa em seu Tomás da bolandeira, “homem justo e bom”, seu último patrão, antes da seca que os fizera retirar. Seu Tomás havia se retirado também, “sabia ler” — admirava-se Fabiano — “mas mesmo assim retirara-se. De que adiantara tanto saber?”

Fabiano deseja estabelecer-se naquela fazenda “Será o dono dela. A vida melhorará para todos”.

CAPÍTULO II — FABIANO

O segundo capítulo é dedicado aos desvendamentos da personagem Fabiano: o narrador descreve-lhe as feições, os gestos, e, onisciente, penetra o íntimo, a intimidade do sertanejo. Branco, ruivo, de olhos azuis, Fabiano é homem embrutecido pela vida. É vaqueiro, ofício exercido pelos seus antepassados, seguido por ele e que os meninos já começam a apreciar. Acha-se um bicho, quando faz uma auto-análise. Está de certa forma contente por ter encontrado um lugar para ficar. A fazenda, aparentemente abandonada, tinha um dono, que logo aparecera e reclamara a posse do local. A solução foi ficar ali mesmo, servindo ao patrão, tomando conta do local.

“— Um bicho, Fabiano.

Era. Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovada. E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrão aceitara-o, entregara-lhe as marcas de ferro. Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou os quipás, os mandacarus e os xique-xiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baratinhas. Ele, Sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra.”

Baleia gosta demais do dono, faz-lhe carinhos lambe-lhe as mãos, ajuda a recolher o gado, põe em fuga as raposas. Fabiano pensa em conversar com Sinha Vitória sobre a educação dos meninos. Ele acha que ela, agora, ocupada com suas panelas já não lhes dá atenção.

“Agora queria entender-se com Sinha Vitória a respeito da educação dos pequenos. Certamente ela não era culpada. Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as panelas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando com o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos. E eles estavam perguntadores, insuportáveis. Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.”

Em “horas de maluqueira” tentava imitar seu Tomás da Bolandeira “dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo”. As palavras, as idéias seduziam e cansavam Fabiano. Tinha medo da seca.

CAPÍTULO III — CADEIA

Fabiano vai à cidade comprar mantimentos, querosene e um corte de chita vermelha. Percorre as lojas, escolhe o pano, regateia os preços. Sente-se enganado por seu Inácio da venda, de quem ele desconfia misturar querosene com água. Bebe cachaça. Nisso, um soldado amarelo — personagem sem nome e assim designada — convida-o para um jogo de cartas. O soldado furta Fabiano no jogo de trinta-e-um, o vaqueiro sai do jogo, desacata a autoridade e é humilhado e preso. No xadrez, pensa por que havia acontecido tudo aquilo com ele. Não fizera nada, se quisesse até bateria no mirrado amarelo, mas ficara quieto. Em meio a rudes indagações, enfureceu-se, acalmou-se, protestou inocência.

“Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando:

— Hum! Hum!

Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente um fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinha-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir.”

No dia seguinte colocaram-no na rua, e foi preocupado para casa. Não dormira, pensando na família sem luz e sem sal.

CAPÍTULO IV — SINHA VITÓRIA

Se Fabiano desejava saber usar as palavras como os brancos, na hora certa, Sinha Vitória deseja algo mais simples: uma cama de couro como a de seu Tomás da Bolandeira. Falara, pela manhã, mais uma vez, com Fabiano sobre a dificuldade de dormir na cama de varas.

“Avizinhou-se da janela baixa da cozinha, viu os meninos entretidos no barreiro, sujos de lama, fabricando boi de barro, que secavam ao sol, sob o pé-de-turco, e não encontrou motivo para repreendê-los. Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo, tinha-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas. Fazia mais de um ano que falava nisso ao marido.”

Os meninos brincavam, lá fora, em meio à sujeira. Dentro de casa, Fabiano roncava alto, forte, seguro, o que indicava a Sinha Vitória que não haveria perigo algum por ali. A seca deveria estar longe. As coisas, agora, pareciam mais estáveis, apesar de toda a dificuldade. Lembrou-se de como havia sofrido em suas andanças. Só faltava uma cama: uma cama igual à do seu Tomás da Bolandeira.

CAPÍTULO V — O MENINO MAIS NOVO

O menino mais novo gosta de ver o pai montar, admira a habilidade que Fabiano tem de amansar éguas:

“Ficou assim uma eternidade, cheio de alegria e medo, até que a égua voltou e começou a pular furiosamente no pátio, como se tivesse o diabo no corpo. De repente, a cilha rebentou e houve um desmoronamento. O pequeno deu um grito, ia tombar da porteira. Mas sossegou logo. Fabiano tinha caído em pé e recolhia-se banzeiro e cambaio, os arreios no braço. Os estribos, soltos na carreira desesperada, batiam um no outro, as rosetas das esporas tiniam.”

O pai é uma espécie de herói para o menino que, como o irmão, não tem nome. São os “menino mais novo e menino mais velho”, representantes de outros tantos meninos nordestinos, com destino traçado pelos antepassados.

O menino admirava o pai cada vez mais e, apesar de temê-lo, foi-se chegando devagarinho e tocou-lhe nas pernas, gibão, esporas e guarda-peito.

A mãe o repreende, mas ele se põe a observar os apetrechos de que se servia o pai quando montava, e uma idéia atravessou-lhe a cabeça, enquanto se dirige ao chiqueiro: quer montar um bode. Compara-se ao pai, sabe que não é tão forte como ele, que o bode poderia saltar e derrubá-lo.

Quando o animal põe-se a beber água, monta-o, segura-se em cima dele por alguns instantes. Humilhado, volta a casa, mas já imitando o pai.

“Retirou-se. A humilhação atenuou-se um pouco e morreu. Precisava entrar em casa, jantar e dormir. E precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano, matar cabras a mão de pilão, trazer uma faca de ponta à cintura. Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru.

Subiu a ladeira, chegou-se a casa devagar, entortando as pernas, banzeiro. Quando fosse homem, caminharia assim, pesado, cambaio, importante, as rosetas das esporas tilintando. Saltaria no lombo de um cavalo brabo e voaria na catinga como pé-de-vento, levantando poeira.”

CAPÍTULO VI — O MENINO MAIS VELHO

Inferno: esta palavra tinha chamado a atenção do menino mais velho. Perguntou à Sinha Vitória, que foi vaga na resposta. Perguntou a Fabiano, que o ignorou. Na volta à Sinha Vitória, indagou se ela já tinha visto o inferno. Levou um cascudo e fugiu indignado. Baleia fez-lhe companhia, tentando alegrá-lo naquela hora difícil.

“Aí Sinha Vitória se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorete.

O menino saiu indignado com a injustiça, atravessou o terreiro, escondeu-se debaixo das catingueiras murchas, à beira da lagoa vazia.

A cachorra Baleia acompanhou-o naquela hora difícil. Repousava junto à trempa, cochilando no calor, à espera de um osso. Provavelmente não o receberia, mas acreditava em ossos, e o torpor que a embalava era doce.”

Decidiu contar à cachorra uma história, mas o seu vocabulário era muito restrito, quase igual ao do papagaio sacrificado na viagem.

Olhou para o céu e sentiu-se melancólico. Pensou novamente no inferno. **Deveria ser um lugar ruim e perigoso, cheio de jararacas e pessoas levando cascudos e pancadas com a bainha da faca.**

CAPÍTULO VII — INVERNO

Os medos de Fabiano e de Sinha Vitória não se concretizaram: é inverno, faz frio e há goteiras lá fora:

“A família estava reunida em torno do fogo, Fabiano sentado no pilão caído, Sinha Vitória de pernas cruzadas, as coxas servindo de travesseiro aos filhos. A cachorra Baleia, com o traseiro no chão e o resto do corpo levantado, olhava as brasas que se cobriam de cinzas.

Estava um frio medonho, as goteiras pingavam lá fora, o vento sacudia os ramos das catingueiras, e o barulho do rio era como um trovão distante.

Fabiano esfregou as mãos satisfeito e empurrou os tições com a ponta da alpercata.”

Ali, reunidos, próximos ao fogo, eram os mesmos seres viventes, mas já havia passado todo o perigo da seca, da fome e de partir outra vez. Tentavam conversar:

“Não era propriamente conversa: eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes numa interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo.

Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto.

Fabiano tornou a esfregar as mãos e iniciou uma história bastante confusa, mas como só estavam iluminadas as alpercatas dele, o gesto passou despercebido.

O menino mais velho abriu os ouvidos, atento. Se pudesse ver o rosto do pai, compreenderia talvez uma parte da narração, mas assim no escuro a dificuldade era grande.”

Fabiano estava de bom humor com a chegada do inverno: haveria trabalho, casa e comida. Sinha Vitória, porém, temia por uma inundação que os fizesse subir ao morro, novamente errantes. Fabiano esquecia até os desaforos do soldado amarelo e a prisão, esfregava as mãos satisfeito, gesto que repetia infinitamente.

“As vacas vinham abrigar-se junto à parede da casa, pegada ao curral, a chuva fustigava-as, os chocalhos batiam. Iriam engordar com o pasto novo, as árvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria.

Engordariam todos, ele Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia. Talvez Sinha Vitória adquirisse uma cama de lastro de couro. Realmente o jirau de varas onde se espichavam era incômodo.”

Para o filho mais novo, o escuro e as sombras geradas pela fogueira faziam da imagem do pai algo grotesco, exagerado. Para o mais velho, a alteração feita por Fabiano na história que contava era motivo de desconfiança.

Baleia, incomodada com a arenga de Fabiano, procurava sossego: “queria dormir em paz, ouvindo o barulho de fora”.

CAPÍTULO VIII — FESTA

Todos prepararam-se para ir à festa de Natal na cidade. Fazia um calor enorme e eram três horas da tarde quando, casa fechada, atravessaram o pátio:

“Fabiano, apertado na roupa de brim branco feita por Sinha Terta, com chapéu de baeta, colarinho, gravata, botinas de vaqueta e elástico, procurava erguer o espinhaço, o que ordinariamente não fazia. Sinha Vitória, enfronhada no vestido vermelho de ramagens, equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme. Teimava em calçar-se como moças da rua — e dava topadas no caminho. Os meninos estreavam calça e paletó. Em casa sempre usavam camisinhas de riscado ou andavam nus. Mas Fabiano tinha comprado dez varas de pano branco na loja e incumbira Sinha Terta de arranjar farpelas para ele e para os filhos. Sinha Terta achara pouca a fazenda, e Fabiano se mostrara desentendido, certa de que a velha pretendia furtar-lhe os retalhos. Em consequência as roupas tinham saído curtas, estreitas e cheias de emendas.”

No caminho, como não aguentassem os calçados, resolveram arrancá-los. A cachorra Baleia ia junto, e no fim da tarde chegaram à cidade. Passaram à beira de um riacho, para lavar os pés, antes de se integrarem à festa. Sinha Vitória levava o guarda-chuva com o castão para baixo, à maneira das matutas. As meninas espiavam tudo com medo:

“Os dois meninos espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários. Não sentiam curiosidades, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar.

Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles andassem entre as barracas? Estavam acostumados a agüentar cascudos e puxões de orelha. Talvez as criaturas desconhecidas não se comportassem como Sinha Vitória, mas os pequenos retraíam-se, encostavam-se às paredes, meio encandeados, os ouvidos cheios de rumores estranhos.”

Entraram na igreja apinhada de gente. Baleia ficou na calçada, esperando. Os meninos viram, pela primeira vez, os pais menores do que julgavam, menores do que os santos dos altares, por exemplo.

Fabiano, no meio do povo, estava incomodado. Os pés ardiam, sentia-se rodeado de inimigos:

“A igreja cada vez mais se enchia. Para avistar a cabeça da mulher, Fabiano precisava esticar-se, voltar o rosto. E o colarinho furava-lhe o pescoço. E as botinas e o colarinho eram indispensáveis. Não poderia assistir à novena calçado em alpercatas, de camisa de algodão aberta, mostrando o peito cabeludo. Seria desrespeito. Como tinha religião, entrava na igreja uma vez por ano. E sempre vira, desde que se entendera, roupas de festa assim: calça e paletós engomados, botinas de elástico, chapéu de baeta, colarinho e gravata. Não se arriscaria a prejudicar a tradição, embora sofresse com ela. Supunha cumprir um dever, tentava aprumar-se. Mas a disposição esmorecia: o espinhaço vergava, naturalmente, os braços mexiam-se desengonçados.”

Após a novena, convidou a mulher e os filhos para divertirem-se e foi beber, numa barraca, cachaça. E *“pouco a pouco ficou sem-vergonha.”*

Desafiou as pessoas, vendo em cada uma um inimigo. Finalmente, berrou: *“— Apareça um homem!”* Ninguém notou a provocação.

“Cadê o valente? Quem é que tem a coragem de dizer que eu sou feio? Apareça um homem.”

Enrolou a língua bêbado. A saliva grossa, a voz pastosa. Vomitou. Tirou meias, colarinho e gravata. Deitou-se no chão e dormiu.

Os meninos estavam aflitos porque Baleia sumira na confusão de pessoas, e o medo de que ela se perdesse e não mais voltasse era grande. Para o alívio dos meninos, a cachorra surge de repente e acaba com a tensão. Restava, aos pequenos, o maravilhamento com tudo de novo que viam.

O menor perguntou ao mais velho se tudo aquilo tinha sido feito por gente. A dúvida do maior era se todas aquelas coisas teriam nome. *“Como os homens poderiam guardar tantas palavras para nomear as coisas?”*

Distante de tudo, Fabiano roncava e sonhava com soldados amarelos.

CAPÍTULO IX — BALEIA

O romance de Graciliano Ramos começou por este capítulo, escrito como se fora um conto, advindo de uma lembrança antiga que incluía a morte de um cachorro, os tios e os avós.

Pêlos caídos, feridas na boca e inchaço nos beijos debilitavam Baleia de tal modo que Fabiano achou que ela estivesse com raiva:

“A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beijos dificultavam-lhe a comida e a bebida.

Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. Mas Baleia, sempre de mal a pior, roçava-se nas estacas do curral e metia-se no mato, impaciente, enxotava os mosquitos sacudindo as orelhas murchas, agitando a cauda pelada e curta, grossa na base, cheia de roscas, semelhante a uma cauda de cascavel.

Então Fabiano resolveu matá-la. Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a, limpou-a com o saca-trapo e fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito.”

Sinha Vitória recolheu os meninos, desconfiados, a fim de evitar-lhes a cena.

Baleia era considerada como um membro da família, por isso os meninos protestaram tentando sair ao terreiro para impedir a trágica atitude do pai.

Fabiano chamou a cadela, que veio ressabiada, arredia, como se já sabendo do seu destino. Fabiano atirou nela, que, com os quartos traseiros arrasados, foi procurar abrigo sob os juazeiros, numa barroca. Ali, começa a morrer.

Neste capítulo, o narrador capta o fluxo de pensamento da cachorra Baleia:

“Olhou-se de novo, aflita. Que lhe estaria acontecendo? O nevoeiro engrossava e aproximava-se.

Sentiu o cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nele partículas de outros vivos.

Parecia que o morro se tinha distanciado muito. Arregaçou o focinho, aspirou o ar lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade.

Começou a arquejar penosamente, fingindo ladrar. Passou a língua pelos beijos torrados e não experimentou nenhum prazer. O olfato cada vez mais se embotava: certamente os preás tinham fugido.

Esqueceu-se e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, com um objeto esquisito na mão. Não conhecia o objeto, mas pôs a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas desagradáveis.”

Passo a passo, o narrador segue a morte de Baleia:

“Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, cercava a criaturinha. Silêncio completo, nenhum sinal de vida nos arredores. O galo velho não cantava no poleiro, nem Fabiano roncava na cama de varas. Estes sons não interessavam Baleia, mas quando o galo batia as asas e Fabiano se virava, emanações familiares revelavam-lhe a presença deles. Agora parecia que a fazenda se tinha despovoado.

Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha sucedido.

(...)

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente Sinha Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.”

Observe a quantidade de diminutivos que invadem os fragmentos acima. Baleia é a construção mais “humana” do livro. A descrição é delicada e suave; através dela o narrador mostra a bondade e a amizade, o carinho e a esperteza e até o senso de responsabilidade do animal.

CAPÍTULO X — CONTAS

O patrão furta Fabiano, engana-o nas contas, o que constrange o vaqueiro e revolta-o. O narrador capta-lhe o fluxo de pensamento: **com o avô fora assim, com o pai fora assim e com ele também se repetiria a mesma história?**

Não se conforma, mas é resignado, oprimido pelo patrão que lhe mostra o lugar dos descontentes: a porta de saída.

“Pouco a pouco, o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu pelo chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão, reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim, no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou.”

Submisso, Fabiano pediu desculpas e saiu arrasado, pensando mesmo que Sinha Vitória era quem errara.

CAPÍTULO XI — O SOLDADO AMARELO

Fabiano vai atrás de uma égua e da cria perdidas na catinga. Cortando palmas espinhosas, embrenha-se no mato. E de facão levantado, deu de cara com o soldado amarelo que, um ano antes, o levara à cadeia, batera nele e o humilhara a frente de todo mundo.

“Baixou a arma. Aquilo durou um segundo. Menos: durou uma fração de segundo. Se houvesse durado mais tempo, o amarelo teria caído esperneando na poeira, com o quengo rachado. Como o impulso que moveu o braço de Fabiano foi muito forte, o gesto que ele fez teria sido bastante para um homicídio se outro impulso não lhe dirigisse o braço em sentido contrário.

A lâmina parou de chofre, junto à cabeça do intruso, bem em cima do boné vermelho. A princípio o vaqueiro não compreendeu nada. Viu apenas que estava ali um inimigo. De repente notou que aquilo era um homem e, coisa mais grave, uma autoridade. Sentiu um choque violento, deteve-se, o braço ficou irresoluto, bambo, inclinando-se para um lado e para o outro.

O soldado, magrinho, enfezadinho, tremia. E Fabiano tinha vontade de levantar o facão de novo. Tinha vontade, mas os músculos afrouxavam. Realmente não quisera matar um cristão: procedera como quando, a montar brabo, evitava galhos e espinhos.”

O soldado amarelo tremia de pavor, o que irritou profundamente Fabiano. Meteu o facão na bainha, pensando que poderia matá-lo com as unhas se quisesse. Lembrou-se que passara uma noite na cadeia e revoltou-se.

O soldado, encolhido, escondera-se atrás de uma árvore temendo morrer. Pela cabeça de Fabiano passaram humilhações, ódios mesquinhos. Mas, por fim, indica o caminho da cidade ao soldado, tirando-lhe o chapéu: **“governo é governo”**.

“Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo.”

CAPÍTULO XII — O MUNDO COBERTO DE PENAS

“O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul. O casal agoniado sonhava desgraças. O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado.”

As arribações anunciavam uma seca prolongada. Fabiano e Sinhá Vitória sofriam em antecipado, pensando ter de colocar os poucos pertences no baú e irem embora, outra vez, com os mineiros.

Irritado, Fabiano pegou a espingarda e foi para o açude. Queria matar as aves, acabar com elas, **com raiva daqueles bichos imprestáveis, que sujavam a água, que bebiam o pouco que restava para o gado.**

Pensa no patrão e no soldado amarelo, na raiva que sentia deles e mata muitas aves. Repentinamente, lembra-se da cachorra. **Sabia que se ela estivesse lá, correria atrás daqueles bichos, poderia comê-los, que aquilo nem era comida de gente.**

Pensa na seca:

“Suspirou. Que havia de fazer? Fugir de novo, aboletar-se noutra lugar, recomeçar a vida. Levantou a espingarda, puxou o gatilho sem pontaria. Cinco ou seis aves caíram no chão, o resto se espantou, os galhos queimados surgiram nus. Mas pouco a pouco se foram cobrindo, aquilo não tinha fim.”

Recolheu os cadáveres das aves e sentiu uma confusão de imagens em sua cabeça. Aquele lugar não era bom de se viver. Lembrou-se da Baleia, tentou se convencer de que não fizera errado em matá-la, pensou de novo na família e no que as arribações representavam. Já estava escurecendo e ele voltou para casa.

“Ultimamente vivia esmorecido, mofino, porque as desgraças eram muitas. Precisava consultar Sinhá Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara injustiça matando a cachorra. Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinhá Vitória pensaria como ele.”

CAPÍTULO XIII — FUGA

“No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.”

Tudo está perdido: é a seca, e desta vez irreversível, tangendo de novo, como gado, os homens do sertão. Fabiano, Sinhá Vitória e os meninos saem de novo procurando outro lugar. Mas desta vez era diferente: sabia que teria de ir para o Sul, levando os meninos:

“Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos.”

O romance termina aqui. Termina como começa, com a fuga, com a mudança desta família de retirantes.

“Homens rudes, uns brutos. Mas homens.”

A ESTRUTURA DO TEXTO

A obra **Vidas Secas** foi escrita em 13 capítulos, numa linguagem “seca e enxuta”, tipicamente nordestina.

Até certo ponto, os capítulos podem ser lidos separados uns dos outros, como se fossem pequenos contos, descartáveis do corpo da narrativa maior, em que estão enfeitados. No entanto, todos ligam-se pela temática: uma família de nordestinos, suas dificuldades e suas desgraças cotidianas.

FOCO NARRATIVO

O foco do romance é de terceira pessoa, com narrador onisciente. Portanto, há abundância de discursos indiretos livres (monólogos interiores).

“Lembrou-se de Seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão, o mais arrasado era Seu Tomás da bolandeira. Por quê? Só se era porque lia demais. Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: — ‘Seu Tomás, vossemecê não regula’.”

“Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam?”

Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouviu as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?”

É importante destacar no texto o fenômeno do mutismo introspectivo das personagens. Silenciosas e circunspectas, elas substituem o diálogo pela linguagem gestual ou gutural.

“Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

— Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isso não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo [...]. Sinha Vitória estirou o beíço indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto.”

Em *Vidas Secas*, o excesso retórico é deixado de lado em favor de uma linguagem seca, áspera, “enxuta” e poética, quase toda produzida em monólogos interiores pelas personagens, inclusive os animais, que são apresentados um a um à medida que o texto avança. A linguagem monossilábica funciona para revelar os dramas reais da família diante da inacessibilidade,

da estrutura de miséria em que vivem, da falta de comunicação que os impedem de avançarem.

O autor expressa, através de cada personagem, o problema da comunicação e da solidão. O cuidado em focalizar cada uma das personagens isoladamente indica a solidão e o primitivismo vivido pelo grupo, como resultado dos toscos e ineficientes meios de sociabilidade a que tiveram acesso. Assim, apesar de partilharem misérias, afeições e espaços comuns, os personagens vivem entregues ao seu próprio abandono, já que não conseguem articular mais do que rudes palavras, exclamações, insultos ou interjeições.

É o sertão do nordeste, qualquer lugar onde haja seca, descrito com precisão pelo narrador.